

Compra
-0. AGO. 1997

7.925 P.

928

Reportagem

Semanario das
grandes reportagens

Nº 1

Numero



Uma reportagem sensacional: Hennes, Vigo, fotos, Reporter X

■■■■ (Pag. 8 e 9) ■■■■

**DISTINGUEM-SE
PELA
ELEGANCIA DOS
SEUS
MODELOS**



**CALÇADO DE
GRANDE LUXO**

Telefone, 88

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da **GARANTIA** devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e é esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a **GARANTIA** tem a esculdida o seu passado.

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37—PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 13 e 14

Casa Bazarra Souza, Cruz & Cia, Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

Fotografia J. Monteiro
Rua Sá da Bandeira, 181—PORTO

Executa-se com perfeição toda a qualidade de trabalhos fotograficos.

FIAT O “525”

**É o mais sportivo dos
carros de turismo.
O mais Turístico dos carros
de Sport.**

Grande potencia e elasticidade de motor, suavidade e silenciosidade de marcha.

Travões potentes e eficazes.
Carroserie comoda e Luxuosa

EXPERIMENTAI-O!

FIAT Portuguesa S. A.

Avenida da Liberdade, 253
LISBOA

R. Santa Catarina, 122-Porto

Leilões

AGENTE:

Antonio Freitas
(Casa Fundada em 1890)
Leilões particulares em todos os generos no Porto e provincia,

Rua Sá da Bandeira,
199-1.º 2.º

Bazar Electro-Fotografico
Rua de Passos Manuel, 12

Artigos fotograficos

Vem ao Porto!!!

Quer passar uma noite alegre?—Visite o «Recreio da Trindade»

Rua do Estevão

EM PLENO EXITO

2 Notaveis Bailarinas Francesas

DANAH et Florysse

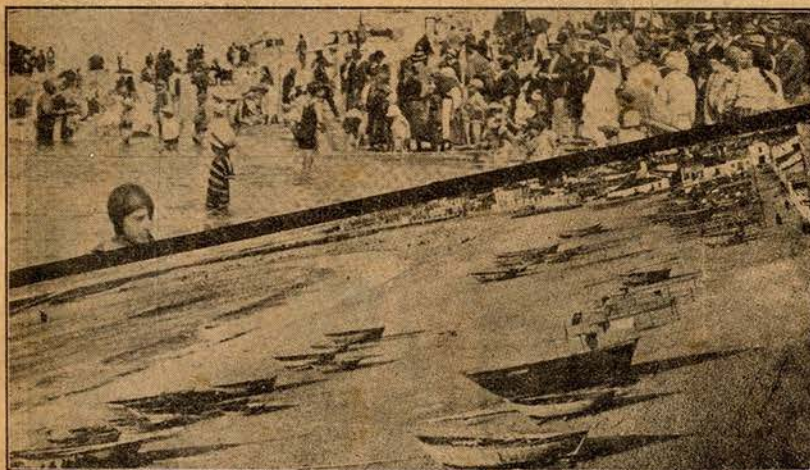
Do Casino de Paris

Continuam em grande sucesso as festejadas completistas bailarinas Irma Lilliane e Petite Manola

Orquestra Jazz—Eminente serviço de restaurante—Matinées todos os dias Arte—Luxo—Alegria

Aberto toda a noite

NA PRAIA DA POVOA



CASINO CHINEZ?

**Deauville? S. Sebastian?
Ostende?**

Para quê uma despesa inutil?

Ide passar as ferias á Povoá de Varzim porque o Casino Chinez garante nma noite alegre e civilizada—igual ás melhores praias e casinos. Bela Musica—Distrações—Numeros artisticos.

Casino Chinez

GARAGE MODERNA Caetano Cascão Linhares
Rua Almirante Reis

Povoá de Varzim

Automoveis e Camionetes

Carreiras para o Porto

João Fernandes Troina

(ALFAIATE)

Povoá de Varzim

FRANCISCO TROCAÇO PERRA

Praça do Almada—Povo de Varzim.

Fazendas e Miudezas

Correspondente Bancario

e agente de

Companhias de Seguros

A. M. Nunes

Compra e vende
ouro, prata e joias
ROLOJOARIA

Officinas correspondentes

Rua 5 de Outubro, 38
—POVOA DE VARZIM—

Telefone, 16

Livraria e Papelaria Académica

Rua 5 de Outubro—POVOA DE VARZIM

Figurinos—Musicas—Tabacaria—Tipografia—Artigos fotograficos para amadores—gramofones—Discos—Aguilhas—T. S. F.—Maquinas de escrever—Pianos—Miudezas—Novidades—Representações—Comissões—Consignações

A casa que vende mais barato

O PROFETA NEGRO—A MORTE DE CONAN DOYLE—A CASA DE SHERLOCK—
TREZ HORAS—A IGREJA, OS SANTOS E A BELEZA FISICA—
A CAMISA DE S. FRANCISCO—EM BACKER-STREET

Semanário de grandes reportagens e de crítica a todos os acontecimentos sensacionais de Portugal e Estrangeiro

N.º 1—Sábado 9 de Agosto de 1930 ANO I

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR:

REYNALDO FERREIRA (Reporter X)

Director-gerente, Administrador e Editor:

Angelo de Azevedo Ferreira

Chefe da Redacção:

Mário Domingues

Propriedade unica de Angelo e Reynaldo Ferreira

Redacção, Administração, Publicidade e Oficinas

Rocio, 3 (Tel.: Trind. 4604) Lisboa

Cancella Velha, 39 (tel.: 1058) P. to

PREÇOS DAS INATURAS

3 mezes—série de 12 numeros	Fsc	11\$50
6 " — " " 25 "	Esc.	22\$50
12 " — " " 52 "	t sc	44\$50

O "REPORTER X"...



A ambição de todos os officiaes de barbeiro, por muito bem collocados que estejam e por quantias que sejam as gorjetas é estabelecerem-se um dia...

O que succede com o mestre Figaro repete-se com o actor, sempre á espera dum desembarque milagroso que o guinde a categoria de empregadário; e com todos os que trabalham para o seu semelhante, e eu, que em materia de utopia não sou melhor do que o meu barbeiro, ha muito que trago no ventre o «baby» que hoje dá o primeiro passeio ao coló do «aristocrata» com a sua capa côr de rosa e a sua toca de laçarotes vermelhos.

A bem dizer esta gazeta teve dois partos. Um o ano passado fructo de uma improvisação imposta pelos que me queriam amordaçar. Era então impresso numa maquina reumatica e cardiaca duma tipo-

No proximo numero

Quem eram os cinco agentes secretos d'Alemanha em Portugal durante a guerra?

Sensacionaes revelações de Enrik Fillips

MESSIAS PRETO

Todas as religiões preveem nas suas escrituras sagradas a chegada de um novo Messias, reencarnação de que as iniciou e propagandeou. Esses varios deuses-homens devem surgir na terra, a pregar reformas.

Nas suas teorias de amor—pelas visões do ano 2.000, O ano 2.000—tão evocado como pano de fundo ou como apoteose da humanidade em muitas profecias scientificas e populares (o nosso sapateiro Bandorra do seculo XVI, não falha...)—está longe, muito longe ainda mas os neo-profetas começam a aparecer, apressadamente como que temendo não chegarem a tempo ou que algum usurpador se lhes adeante.

Percorre agora a Alemanha catolica rondando sobretudo a cidade de Colonia um outro profeta do cristianismo—Bengoor—que prega a humanidade e o amor, numa ternura paternal pelos animais e pelas cousas e que se proclama um reencarnado de S. Francisco d'Assis, a mais bela luz humana da região cristã. Mas embora ele defenda a igreja, a igreja nega-lhe a veracidade da sua missão... E' que Bengoor é preto, preto retinto... Usa uma cabeleira Biblica onde a carapinha se contorce em espiraes serpentinias—mas é preto... Não fuma, não veste casaca, não joga, não voa, em avião, viaja a pé e com sandálias, dispensa comodidades e os prazeres mais innocentes, mas é preto... E a igreja não pode admitir que S. Francisco,

o irmão carinhoso do lobo, da agua e dos planetas, ao voltar á terra tivesse escolhido um involucro tão grosseiro como é a pele de um negro.

Ah! Não! Ignoro teologia—mas julgo que o Criador ao colorir varias tribus de amarelo, de vermelho e de negro não o fez para os estigmatizar... O Deus não é positivamente um Colonial inglez retirando aos negros os dentes da alma como este lhe tira os direitos civis.



BENGOOR

pogragia da provincia; e apesar do raquitismo que o aleijava graficamente a tiragem crescia de semana para semana até atingir 20.000 exemplares o que levou a cidade maquina ao leito, gravemente enferma... Compreendi então que prosseguir naquelas condições, seduzido pelo exito, era comprometer o futuro desse mesmo exito... Parei organizei-me lentamente mas com firmeza—e reapareço—desta vez sem possibilidades de paragem...

Não pretende o Reporter X maravi-lhar pela sua novidade grafica—que não a tem. Veste democraticamente. O que pretende sim é ser lido com interesse; praticando esse jornalismo desprezado pelos madraços e pelos apaticos que é o jornalismo vida e ação; o jornalismo do acontecimento palpitante, da verdade oculta, da surpresa que emociona—o jornalismo de reportagem e do film da semana, do comentario e da critica—lires como as azas... O «Reporter X» é um jornal de reporters.

Bem seill... Filhos são cadilhos. Eu vivia livre e socegado—e agora... Recordame aquela pobre mulher casada com um sapateiro goikiano, brutal e alcoolico que a sovava antes e depois das refeições,

como se fosse receita do medico... De tempos a tempos, quando o corpo da desgraçada estava sem mais espaço para negruras consequentes dos socos e pontapés, vinha toda lagrimosa bater á porta dos seus paes e pedir guarida. Durante uns mezes a sua existencia decorria numa ventura calma de freira sem maus tratos, bem alimentada e boa dormida... Mas logo a seguir o sapateiro começava a rondal'a de novo e um belo dia ela fazia a trouxa e num alvorço de raita, regressava ao regimen da sóva como se fosse para Deauville ou para Ostende...

Se eu em materia d'ambição me assemelho ao meu Figaro—nesta volupia morbida pela pancadaria pareço-me extraordinariamente á mulher do sapateiro... Como ela abandonei o socego de viver por conta alheia e cá estou, em guarda para as sóvas quotidianas dos remadões do destino... O que me vale é que, por agora, serão apenas sóvas semanaes...

ESTE JORNAL FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

De duas uma: ou todo o homem é essência divina e a alma halito de Deus ou corpo, a carne, a pele representam toda a razão da existência, fonte exclusiva de todos os prazeres e a alma brasido provisório e grosseiro que aquece em «Banho-Maria» matéria divina—como nos tempos do paganismo helenico... Se a verdade única é a alma—que importa a cor do rosto? S. Francisco o que juiga luxo exagerado a própria e esfarrapada camisa, o que amava a água, as pombas e as feras se tivesse de voltar à terra e pudesse escolher forma humana escolheria precisamente o mais humilde e rebaixado dos corpos, como se fosse a mais modesta e pobre das camisas... E o próprio Cristo? Seria menos Deus e menos sublime se tivesse nascido mongólico, canari, pele—vermelha ou zulu— assim como nasceu e morreu filho de um povo amaldiçoado—o povo de Israel? Ou pensará a igreja que os profetas e os santos tem o coquetismo de preferirem a cor, a forma e as feições mais belas quando se vestem do pano humano?

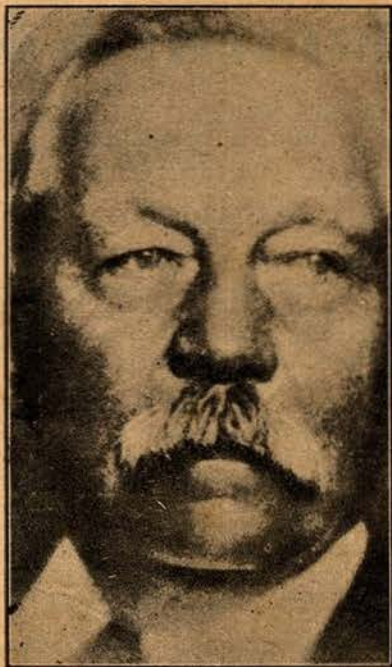
Não discuto se a reencarnação de Bengoor—o charlatanismo ou verdade dogmática; o que discuto sim é que a igreja não pode recusar o seu «visto» sagrado só pela antropometria física... Seria gracioso que o Papa para canonisar um santo ou uma santa perguntasse aos informadores: Qual era a sua altura? Quanto media de torax? Que tal a linha do seu perfil? E a cor dos olhos? Era morena, loira ou ruiva? O quê? Era estrabica? Ah! Não; não quero santos com defeitos... Seria uma vergonha! O que diriam os protestantes... E mau seria transgrirem uma vez. Amanhã eram capazes de me apresentar um santo corcunda ou coixo. Quem quiser ser santo tem de ser perfeito e direito...

Selecionar almas como quem seleciona misses para o concurso de Galverston ou do Rio de Janeiro parece-me pouco católico... E por isso creio em Bengoor apesar de todos os protestos da igreja.

A MINHA AVENTURA DE LONDRES

Conan Doyle, até como falecido é já assunto esgotado. Todos sabem que era médico militar, que esteve na Ásia que era neto de um caricaturista celebre, fundador do celebre *Punch* (o Pimpão londrino); filho de jornalista e que o seu grande êxito como escritor, foi a criação do Sherlock Holmes, o policia por dedução. Conan Doyle limitou-se a retratar um professor seu o Dr. Beld que para divertir os amigos do café adivinhava as coisas mais fantasticas, trepando por uma minuscula escada de minimas analises e de minimos vestigios. Sherlock tornou-se mundial; foi plagiado e enriqueceu o seu autor. Nos ultimos anos Conan Doyle dedicou-se à teosofia por um mixto de fanatismo e de charlatanismo tendo sido desmascarado em varias falsificações.

Tudo isto está dito e redito. O que talvez seja novidade é que Conan Doyle escreveu em quarenta e oito anos, quatrocentos e setenta volumes e dois mil duzen-



Arthur Conan Doyle, o creador de Sherlock Holmes, recentemente falecido em Londres

tos e treze contos e novelas, sendo destes ultimos quatrocentos apenas heroificados pelo famoso criminalologista. Segundo o *The Detective* que me revela estes dados Conan Doyle ganhou perto de 1.000.000 de libras ou seja uma média de duas mil libras mensais! Outro detalhe curioso. Um reporter do «Daily Mail» que há pouco tempo fez um inquerito pelas bibliotecas publicas e industriais de Londres apurou que estando Conan Doyle em terceiro lugar como auctor, em numero de leitores

As memorias de Foy em 1808 e a Casa

Ramos Paes, em 1930

Foy, nas suas memorias napoleonicas sobre Portugal, diz que as damas mais elegantes portuguezas vestiam, no meio do seculo passado, pela moda que terminava tres anos antes em Paris... Passado um seculo Foy sofriria uma surpresa e um desmentido vexatorio... Ora ouçam... Há pouco tempo uma dama franceza, esposa dum industrial que se encontrava no Porto em viagem de turismo passou pela Rua Sá da Bandeira... No seu rosto espalhava-se certo indiferentismo pelo espectáculo que a cercava. Subito estaca frente a uma «vitrine» emociona-se, entra e num alvoroço infantil adquiriu a «toilette modelos» que até seria a sua curiosidade. Era a mesma dama, que actualmente se encontra em Dauville, escreve a uma pessoa das suas relações residente no Porto, informando-a que a sua «toilette» adquirida em Portugal fez carreira na celebre «Reine d'été», sendo copiada, plagiada, roubada teoricamente por todas as senhoras de Dauville.

E' que no tempo de Foy não existia a Casa Ramos Paes, da Rua Sá da Bandeira...

apenas tinha sido lido, em dez anos, por dois policias autenticos. Conclusão: que os *detectives* não julgam aprender uma sciencia praticavel ao lerem as aventuras de Sherlock Holmes.

Intrevistei-o para o «A B C» em 1925, em Paris. Na nossa conversa ficou-me a narração completa da sua vida.

Levantava-se ás sete horas, banhava-se, tomava o pequeno almoço e abancava a trabalhar até ao meio dia. Depois do segundo almoço passeava, e das 3 ás 8 escrevia. A noite ia ao Club, ao teatro ou ficava em casa a lêr. Tinha três secretarios, um dos quais exclusivamente dedicado á correspondencia.

Mas a mais pitoresca informação que tenho de Conan Doyle—data de 1919. A Agencia Americana, mandava-me fazer a reportagem de viagem de visita do Presidente Epitacio Pessoa a Londres. Era a primeira vez que me encontrava na grande cidade ingleza e levava uma infantil curiosidade a sociar—velha pelos anos que a acalentara... Era segredo... Nunca a confidenciaria nem então a disse; nem depois a revelei senão hoje... E logo que consegui uns minutos de liberdade tomei um taxi e ordenei: «Backer Street 73»... Apeei-me, alvorçado como se fosse para uma aventura de amor. Rua deserta, sombria, triste... O predio 73 era de tijolos vermelhos, encardidos misteriosos...

Com que emoção o rondiei! Era ali, que, segundo a fantasia de Conan Doyle, habitava Sherlock, e o seu inseparavel Dr. Watson. Aqueles passeios tinham sido calcureados pelos personagens dos romances—heróis da intriga que vinham muito colados á parede e embucados expôr ao detective os enigmas mais emaranhados, as charadas mais complexas... Era por aquela rua que Sherlock tinha sido vigiado pelos bandidos mais estilizados da literatura policial. Era por aquela porta que Sherlock saia caracterizado de preto, ou fregolisado de velha do povo! Todos os episódios, todos os enredos, todas as peripécias que me tinham empolgado a meninice tomavam vulto e vida na minha imaginação—nuns minutos em que estava parado frente á casa 73 de *Backer Street*. Sentime picado por uma tentação ousada. Bater á porta. Dir-se-ia que era possivel eu encontrar ainda aquele ambiente de laboratorio de façanhas, que Conan Doyle descrevia...

Premi um botão... Passados instantes a porta abriu-se e surgiu o perfil anguloso dum homem estranho. No nervosismo em que me debatia julguei encontrar semelhança com alguém que... Mas era preciso dizer qualquer cousa:—E' aqui que vive o Consul de Portugal? —Não senhor—responde o cavalheiro de perfil *sherlockiano*.—Aqui vive Mistress-Linker, parteira».

Foi um balde d'água fria naquele meu sonho de ópio.

1908-1930

Um redactor do "Reporter X" entrevista a filha do Buíça

A Sua Alteza, a Fatalidade.—Actriz ou professora?—O passado e o presente.—O amor da filha do regicida pelo João Franco

por MARIO DOMINGUES

O jornalista encontra, por vezes, na estrada accidentada da sua vida profissional, que briosamente trilha em serviço do publico, verdadeiras encruzilhadas, autenticas armadilhas de circumstancias melindrosas de que só logra sair incólume quando tem a força de vontade bastante para não desviar os olhos do seu dever, mantendo-se na rigida e firme attitude de imparcialidade que é o penhor, a garantia inofismavel da confiança que os seus leitores nele depositam.

Ora, nós acabamos de cair em uma dessas encruzilhadas e da maneira como nos vamos conduzir—e os leitores terão occasião de apreciar-la no decurso desta entrevista—deprender-se-há claramente que não nos animou o mais leve proposito de fazermos politica de qualquer especie, nem de levantar conflitos que a poeira de um passado recente mal cobre ainda, mas apenas o de re-

velarmos alguns factos que não tinham os o direito de sonegar à voz e legitima curiosidade publica.

O acaso revelou-nos o paradeiro de D. Elvira Celeste da Costa Buíça—filha do homem que, há vinte e dois anos, da sombra propicia das arcadas do Terreiro do Paço, desfechou a sua carabina sobre o principe D. Luiz Filipe, pagando com a vida o seu acto temerário e sangrento. Essa senhora, que era então uma creança de sete anos, sem mentalidade nem consciencia para apreciar os actos de seu pai, é presentemente uma pessoa de trinta anos incompletos, mãe de tres filhos, e agora que a idade lhe permite discernir a sua mentalidade chegou a pleno desenvolvimento, seria curioso saber o que se tem passado na sua alma, e até que ponto os actos do pai influíram na sua existencia.

Mora ella em uma casinha minúscula e alpendrada, a cujas janelas assomam vasos floridos, no Bairro Grandela, proximo de Bemfica. Lá fomos bater, por uma tarde luminosa de Julho. Veio abrir, uma senhora pobremente vestida, de estatura meã, olhos claros e loura como uma ingleza. Perguntamos por D. Elvira Buíça. Era ella propria.

Receberam-nos com amabilidade, querendo dispensar-nos gentilezas que um garoto de meses, lourinho andando já mal equilibrado sobre as pernititas debeis e niveas, constantemente interrompia agarrando-se-lhe ás saias. Pediu-nos desculpa de se apresentar desalinhadamente trajada, mas... o lar era, como se via, pobre e ella, sem posses para grandezas senhoris, andava esfregando a casa, porque era sabado e, portanto, dia de limpezas. Não fizemos reparo no caso, pois estamos habituados a

surpreender a miséria em todas as attitudes e, aquella, a do asseio era para nós a mais grata de contemplar.

Incidiu de pois a conversa sobre o pequenito que, de tanto teimar em querer fazer-se notar, lograra que a mãe lhe pegasse ao colo. A chamo-lo engraçado, qualquer coisa de traquinas nos olhitos claros, o cabelo de louro dir-se-hia branco.

—E' assim muito claro e louro—disse-nos D. Elvira, sorrindo um belo sorriso de mãe devanecida—e o pai é da sua cor.

(Previne-se os leitores, que o ignoram, de que o auctor é mulato). Não estranhemos aquelle fenomeno, porque sabemos que a ligação entre as duas raças—branca e a negra—dá, por vezes, destes curiosos frutos. Mas parece que a maledicência do bairro, que deve ter as caracteristicas mesquinhas da politica da aldeia, não traz satisfeita aquella senhora que nos falou com grande entusiasmo tanto do filho como do marido.

—Sou mesmo casada com elle—asseverou a nossa entrevistada. E quis ir procurar a papelada official com que essas coisas se provam, o que dispensamos por acharmos que em questões de amor a chancela do Registo Civil é, em muitos casos, dispensavel.

No entanto, neste casamento, nesta união—legal ou illegal—há uma nota curiosa, que D. Elvira focou, com um sorriso de bem humorada ironia: o marido, que é segundo me disse um rapaz modesto, trabalhador e amigo do lar, chama-se João Franco. E' João Franco, o nome do politico que indirecto e involuntariamente contribuiu para a perdicção e morte do pai; é João Franco o nome do homem que, sendo pai daquelle pequerrucho de quinze meses, contribui para perpetuar aquella raça de Buíças, sempre louros e de pupila clara.

Uma outra criança, de seis annos, igualmente loura e branca, sorriso inocente a bailar-lhe

(Conclue na pag. 14)



Reprodução do jornal holandez "Wereld Sensatie" que reconstitue, na 1.ª pagina, há pouco tempo um atentado no Mexico contra o General Hemández, decalcando a capa do que o "Suplemento do Seculo" publicou em 1908, sobre a tragedia do Terreiro do Paço. Reconhecem-se perfeitamente o rei, a rainha os principes e as arcadas. O Buíça foi substituido por uma mexicana de revista.



Triste popularidade a dessas figuras sinistras da dramaturgia da vida — a actriz cuja gloria dura apenas um «fim de festa» sem bis... O seu desvaio assemelha-se a uma explosão de dinamite sujando a noite calma com o rubro clarão dos tentáculos de fogo. O seu nome, o seu retrato, os segredos d' sua intimidade dilatam-se; illuminam-se... Por fim o juiz condena-os! Ha ainda umas lagrimas de piedade — lagrimas efemeras como as dos espectadores — sensíveis á saída do teatro... Depois é o esquecimento, a morte civil, profunda, total... Alberto Londres, no seu livro «Au Bague» afirma esta verdade angustiosa: entre os degradados que desembarcaram na Goyana, alguns privilegiados, recebem o balsamo de umas cartas durante o primeiro mez de degredo; outros, muito poucos — durante o primeiro semestre; mas dos vinte mil «hors de la loi» que a justiça franceza sepultou naquele inferno, desde o principio do seculo até hoje, só um condenado, um unico, teve noticias da França durante todo um ano. Foi o record pasmoso da memoria dos que ficaram. Passado um anno — nenhum dos 20.000 desgraçados gozou a escola de umas linhas de consolo...

E' que eles dão-nos a impressão que se mira n' da terra — como se as penitenciarías e os degredos fossem já suburbios do Imperio de Satam — fora do planeta. E contudo muitos resistem durante anos e annos... E resistem — vivem. E se vivem — O que fazem? Onde estão?

O ASSASSINO DO DR. BOMBARDA

E' preciso dar a Cesar o que é de Cesar. Cesar, neste caso é o meu distinto camarada Artur Inês. Foi ele quem, ha tempos, me lembrou esta reportagem... Mas quiz o destino que ella não se realizasse então. Rodaram mezes

antes que eu pudesse informar-me sobre o que tem sido a existencia do assassino de Miguel Bombarda no seu internamento do Telhal. Devo ao Dr. A. C., a entrevista que se segue — baseada em quasi vinte annos de trato com essa figura sinistra... Mas deixem-me primeiro recordar a tragedia — embora seja um pleonasmio para a maioria...

Foi em 2 de Outubro de 1910... O ventre da revolução estalava de preñez. Um official do exercito procura o Dr. Miguel Bombarda em Rilhafoles e desenbolçando, rapido, a pistola pica o do balas. O famoso alienista e conjurado republicano morre pouco depois. O crime ficou registado na Historia. Uns attribuíram no a uma vingança de louco — psicose gêmea á do heroe do «Gabinete do Dr. Galigari»; outros a um caso de honra; muitos ao inicio da matança de republicanos. Esta ultima hipotesis serviu de pretexto para se precipitar a revolta. Da morte de Bombarda nasceu a Republica.

Serenados os espiritos, o assassino, teimosamente silencioso, foi dado por irresponsavel. Uma ténua mortalha de misterio o velava quando, ha perto de vinte annos, o internaram no Telhal de onde não tornou a sair.

— Durante oito ou nove annos — informa o meu entrevistado — viveu num melancolico e isolado mutismo. Apenas o emocionava a leitura dos jornals ou antes as seções necrológicas. Quando ha pouco tempo lhe perguntar a razão desta preferéncia disse: «Pudera! Enquanto «ele» fór vivo eu não posso sair daqui!» «Eles — quem? Titubela e não esclarece. Mas esse «ele» é a sua observação. A meio dos raros dialogos evoca-o, em odio ou em terror, mas afflittivamente sempre. Ao cabo de nove annos teve a primeira conversa comigo sobre o seu drama. Estava sereno e com uma nitidez de raciocinio absoluto: «Chego a não acreditar que fosse eu o assassino. E' pelo desvalto de unos minutos perdi para sempre a liberdade; a ventura, a familia... Se elle merecia a morte não era eu o seu verdugo indicado... «Subita metamorfose e afogando se rematou: O «outro» si n. Ah! O «outro» Depois deste desabafo só tornou a referir-se ao crime quando o Telhal foi visitado pelo sacerdote espanhol Rev. Juan de los Rios que o ouviu em confissão e que depois nos disse: «Este desgraçado será louco — mas tambem é um martir. Se falou verdade e se me fosse permitido revelar o seu segredo surpreender-se iam até ao pasmo».

«Está velho, aquebrado, e alhacosos. Tem crises de religiosidade intensa e outras de indifferentismo. Poucas visitas o procuram ainda. A ultima vez que lhe falei disse-me: «Estou quasi curado. Tenho a certeza de que ainda morro em liberdade».

AUGUSTO GOMES

E' a pagina mais detestavel do meu jornalismo. Apesar de frequentar bastidores não fallara nunca com Augusto Gomes nem com Maria Alves. Ignorava o passado desse casal florido no pantano; da precipitação e a agudeza da minha reportagem. Hoje, quando a evoco — entristeço-me.

O comportamento de Augusto Gomes na penitenciaría é exemplar. Sofre imenso a solidão. Um pormenor curioso: se apodera de papel e lapis e de algum diario — eíl-o a rabiscar elencos fantasticos; a combinar negocios teatraes até á valência dos rascunhos de cartas pedindo peças aos autores e dos anuncios e reclames.

Inventa orçamentos e receitas. Perde e ganha — em calculos arregimentados ao sabor da sua imaginação. Se perde, resolve o problema com emprestimos igualmente theoreticos; se ganha giza a divisão dos lucros em viagens, ceias e passelo. Brinca no presente aperfeçoando o passado em sonhos de futuro — tal como se estivesse em liberdade agindo, activo, habil e astucioso. Brinca com a saudade, suavizando-a, como as creanças brincam aos policias, ou aos soldados. E' uma especie de morfina que toma para assuciar a amargurada vida da sua morte.

Não me esqueceu nem me pordeou — teima em negar que eu tivesse deduzido o seu crime — afirma que eu assisti a tudo, occulto nalgun esconso da Rua Francis: o Freire. O seu coração conhece agora, pela primeira vez, a doçura dum amor puro e sagrado — o amor pela heroica rapariga que não o abandonou nas horas fataes e que ainda h'je o acompanha, como pode, de longe — dedicada e submissa.

O «NÊNÉ DOS TABACOS»

Ha coisa de dois annos, numa noite d'inverno, cheguei á cidade de G... chamado para uma reportagem n' qualquer. Estava regelado. O vento parecia inchar as ruas desertas, como se fossem camaras d'ar. Entrei no infallivel café apinocado, do infallivel Rocio de todas as cidades de provincia. A um canto dois velhos rabujabam o dominó. Pedi um whisky. Notei que a minha presença perturbava o dono do café, que me vigiava por detraz do balcão cochichando com o creado. Quando cha nel este para pagar — disse-me que não era nada. Ergul-me e dirigindo-me ao patrio perguntelhe se me conhecia e a que titulo me regalava o «whisky».

— Conheço-o há muitos annos, sr. Reinaldo... — disse, com os olhos humidos. Quando o creado se afastou elle, abemolando a voz, inquiriu: «Não se recorda do «Néné dos Tabacos»... o que matou a Claudina?»

Como estava mudado! Era franzino e pimpão, no seu catizino proletario — quando o conheci em 1914, agora estava pesado, gordo, doentio, esverdeado... Foi a minha primeira reportagem de crime. Mandaram-me ao Terreiro do Trigo — um sexto andar em aguas furtadas. Uma mulher escansilada e chorosa conduziu-me a um quarto lugubre sem luz e sem ar. O teto rebaixado tocava na cama. Sentada no chão, com a cabeça esfarrapada e grisalha encostada ao leito, o rosto empedrado de sangue — estava o cadáver de uma velha repelente... Mas o que mais impressionou os meus 17 annos foi o fakirismo tragico do cabo de uma faca saída do alto do cranéo...

Claudina, operaria dos tabacos, tinha má representação. Ao entrar na decadencia, seduzira com bruxedos o Benjamin da Fabrica, aleunhado com o «soubriquet» de «Néné». Quando «Néné» despertou, enojado de si proprio, quer fugir e não pode. Ella emarenhara-o, persegue-o, humilhava-o com escandalos. Um belo dia «Néné» apaixonou-se por uma gentil costureira da sua idade e é correspondido. Claudina, ao ver-se abandonada giza um plano diabolico — plano esse que levou a costureira a romper com o «Néné»... O desenlace tinha sido aquella manha, entre lagrimas de parte a parte; uma onda de sangue queimava o cerebro de «Néné»; e numa carreira de louco, partiu para casa da culpada, assassinando-a dum só golpe, espumando de raiva, de odio e de amor.

— Sofri muito, sr. Reinaldo. Perdi a saude no degredo. Como era socogado e trabalhador juntei unos patacos Desde 1926 que eston livre. Em Lisboa não podia ficar. Viu para aqui, comprei este café e cá vou vivendo. Só pode compreender a felicidade de «viver» — quando já se esteve morto 12 annos, no fundo duma penitenciaría e do degredo... Aqui todos ignoram o meu passado. Julgam que fui comerciante em Africa...

Ao despedir-se, segredou-me: — Sabe? Casei-me á volta — com a pequena... Para elle o meu crime foi a prova do muito que eu lhe queria. Esperou por mim 12 annos! Já temos um casalinho. Eu só queria que o sr. Reinaldo visse o rapaz... E' um destes espertalhões! Calcule que...

O d i o d e B a ç a s

A vida tragica dos negros nos Estados-Unidos

A estatística assombrosa da lei de Lynche.—Episódios macabros.—Selvagens e civilizados

A discussão, há pouco travada em Genebra, na assembleia do Bureau International du Travail, sobre o trabalho obrigatório nas colónias, veio mais uma vez pôr em foco o problema da raça negra, não só em Africa como na América.

O mundo ainda está hoje, infelizmente, dividido em duas categorias de pessoas: as que colocam moralmente a raça negra a par de todas as outras, isto é, as que lhe reconhecem capacidade de assimilar a civilização e as que a consideram uma raça inferior, muito proxima dos irracionais, incapaz, portanto, de alcançar um estado de civilização tão adiantado e perfeito como o europeu ou americano.

Embora em Portugal, onde o preto é geralmente bem tratado, se imagine que a percentagem dos que olham a raça negra como uma casta inferior, menos digna de atenção ou carinho do que um gato de luxo ou um cavalo «pur sang», a verdade é que por esse mundo existem milhões de homens que pensam o contrário.

A America do Norte é a região do globo onde esse menosprezo, pior do que menosprezo, ódio à raça negra mais acentuado se apresenta. O preto, no entender de grande numero, senão da maioria, dos norte-americanos, é qualquer coisa parecida com um animal de carga que a Natureza prodiga enviou à terra para ser explorado, soçado, vexado, sem direito à justiça nem a Liberdade, como o burro que puxa a carroça ou o boi que arrasta a charrua.

O preto está fóra da lei dos homens e, portanto, não tem direito a aspirar sequer à graça de Deus.

Ainda há aproximadamente um século —e um século é um atmo, um segunda na vida da humanidade— o preto não passava da um escravo nos Estados-Unidos, um ser inferior de quem se dispunha inteiramente, que se batia, sem intervenção de qualquer Sociedade protectora de animais, que se matava, se o dono tivesse appetite de sangue.

A celebre guerra do Norte contra o Sul no continente americano, que terminou com a derrota dos negócios, transformou o preto animal num homem, com personalidade jurídica e igualdade de direitos perante a raça branca. Assim ficou escrito no papel. Mas todos, todos nós sabemos quanto custa a destruição de um hábito, de um mau hábito, principalmente quando ele se incorporou na estrutura economica de uma sociedade. E a libertação do negro em certos Estados na America do Norte, onde a mão de obra negra era, como o é mais acentua-

damente agora em Africa, a base da economia da nação, causou um abalo tão profundo como se presentemente em Portugal se attribuisse a todos os animais de carga—burros, cavalos, bois—um salario de homem e condições de vida superior à que levam. Haveria industrias que sossobriariam, emprezas agricolas que tombariam arruinadas. E os magnates atingidos no que eles chamariam os seus legítimos interesses sentiriam nascer-lhes no peito ódios sangrentos contra os pobres libertos, cujos sofrimentos nunca lhes haviam despertado o menor vislumbre de comiserção, e a seus cerebros tacanhos, imbuidos de ideias estreitas, assomariam os mais honrosos projectos de vingança.

Assim, na Norte América, após a justa e humanissima libertação dos escravos, principalmente nos Estados agricolas que usavam e abusavam da mão de obra negra, as ideias de vingança contra o preto liberto, contra a presa que se escapava das mãos vorazes, tornaram-se requintadamente barbaras. A lei de Lynch, que era como que a excepcional applicação da Justiça popular, contra um criminoso que pelos seus actos extraordinariamente hediondos despertasse a colera do povo, transformou-se em instrumento vulgar de mera vingança de brancos despossuados de um elemento de trabalho barato e dócil contra os pontos que pretendessem gosar os direitos que a lei lhes concedia.

Veio a grande guerra. E os Estados Unidos, assim como na Paz utilizavam o negro para os trabalhos inferiores e violentos, assim os transformaram em carne de canhão e os remeteram para a Europa, alistados no seu exercito, para o sacrificio do fogo. Esses negros americanos, habituados à existencia asfixiante da ameaça e do vexame, ao tomarem contacto com uma Europa, mais humana, menos egoista, mais acolhedora que lhes sorria, que os abraçava como quem estreita um irmão em aperto amplexo, que lhes oferecia lindas mulheres louras e brancas em casamento, que os sentava à sua mesa e lhes escutava desvanecida as musicas estranhas em que passavam écos remotos do misterioso sertão, quando regressavam à América severa e preconceituosa, sentiram que em suas almas tudo se transformava e nelas nascia indomável, imperecível, o desejo luminoso da Liberdade perfeita.

Deram então em emigrar dos Estados bárbaros do Texas, do Mississippi e da Georgia para New-York, onde o ambiente era



VISÕES DA LEY DO LYNCHÉ—Um negro enforcado em Florida, há poucas semanas por namorar... uma branca

muito mais acolhedor. Houve populações que fugiram em massa. New-York viu erguer-se bairros futeiros só de negros, que irradiavam para as escolas, para as Universidades, logrando alcançar posições de destaque que até então lhes eram vedadas. Entretanto, os grandes proprietários das plantações de algodão sentiam rarear a mão de obra submissa e quasi gratuita, porque o preto era em terras de melhor hospitalidade sapateiro, «chauffeur», mestre de escola, actor, cantor, actor de cinema, literato, medico e até lente em Universidades.

Para a mentalidade tacanha do roceiro esta ascensão quasi subita da raça negra à civilização era à subversão da ordem social, qualquer cousa de bárbaro que só a barbaridade conseguiria reprimir. E os linchamentos redobram de ferocidade. Já não se limitava a multidão excitada pelos «meneurs» à ordem dos «farmaus» do algodão a enforcar um negro na praça publica; ia mais longe na sua cegueira de vingança; dinamitava as prisões onde se encontrava a victima designada para o supplicio, arrastava, pelas ruas, o caváver amarrado à cauda de um cavalo e, por fim, queimava os restos humanos que porventura sobrassem da chacina.

Desde 1924 a 1927 foram linchados em toda a America do Norte 78 negros, dos quais 18 no Estado da Florida e 16 no de Mississippi.

(Conclue na pagina 15)

Um detective portuguez do seculo XVIII

A decadencia e o papel historico da policia.— A policia ao serviço do Estado
"Do Soldates della sera" de Roma aos detectives da "Guepean".— A espionagem Inglesa e a policia politica alemã.

DURANTE esse imenso periodo que vem do principio do seculo até ás primeiras bábas da epilepsia europeia—a policia, quer como *instituição social* quer como *assunto literário*—desvelou-se por completo da sua importancia historica. Limitou-se a prender, entre bocejos, os criminosos que lhe fugiam *au relanti* e a arrastar-se pelos roda-pés duma literatura plebeia para coligiais ou charadistas invalidos. Foi a guerra—esse ventre ilusionista e bestial—que a guindou de novo ao seu valioso posto de treves que, durante séculos, occupara na alta politica internacional, nas horas decisivos da historia. Foi nessas horas emocionantes, em Roma, em Veneza, em Paris, em Madrid, agrupados sob o rótulo de *soldates della sera* ou apodados de «El Pavo», «El Cojuelo» ou de «Mr. de la Poussiere», trapacando, espionando, salvando, por conta dos Borgias, dos Duces, dos ministros de Luiz XIV ou de Filipe III—que os detectives da Idade Média e da Renascença alcançavam o zenith da sua importancia historica.

A Inglaterra foi a primeira a reabilitar a policia politica montando o «Intelligence Service» que vive instalado no Esdo como um pequeno kanguru na bolça abdominal da mãe. A Alemanha, que já nas véspera da guerra emaranhava a mais vasta teia de detectivismo sob a forma de espionagem—rivalisa agora com o I. S. Ingles montando a mais extranha maquina policial: «Maxardell». A Russia dos Soviets, na lucta contra os estados conservadores, estilidou scientificamente a violenta «Teheca» fregolisando-a na folhitinesca «Guepeau» que consegue perturbar Londres e raptar generais em pleno Paris.



JOSÉ ROXO, o «Sherlock portuguez do seculo XVIII (gravura da epoca)

UM «SHERLOCK» PORTUGUEZ EM PLENO SÉCULO XVIII

Mas é do passado e não do presente que este artigo vai falar...

Gemeo aos policiaes historicos que citei existiu um em Portugal que ainda hoje nos faria pasmar. Foi um caso impar de vocação auxiliada por uma subtilidade d'insecto. Chamava-se José Roxo. O seu nome não sôa? Pudéra! José Roxo pertenceu áquella fauna eterna dos que na obsessão de bem cumprirem o seu dever—não têm tempo de se propagandear. E quando em vida não se marca logar na Historia—é muito difficil que a Eternidade o faça expontaneamente...

A zona historica a que os musculosos braços de Sebastião José de Carvalho e Melo serviram de fronteira—intriga o inves-

tigador pelo mistério da sua organização policial. Dir-se-hia que o granitico Marquez tão sabiamente estabelecera a sua policia que, ao evitar que deixasse vestigios reveladores dos segredos úteis aos seus adversarios—cortára todo o contacto com o futuro, tornando-a para sempre indiffravel. E os investigadores que teimaram em lupar esse ponto-negro concluíram que Pombal seguira, no seculo XVIII, a tática com que Corneli, cem anos depois, lançara em Secilia a «Mafia» primitiva e Belle Kum, dois séculos depois, ao montar a sua legião de Budapest. Entre o marquez e os seus policiaes como entre Corneli os seus inspirados existia apenas um elemento de ligação. O famoso ministro, contava só com um *policia*; era esse policia quem recebia as suas ordens e quem, depois, prestava contas sobre o seu cumprimento. Era esse policia ainda quem, sózinho, manograva os fantoches do seu guignol detectivesco. Mas o marquez ignorava-os como eles desconheciam o marquez.

O que o ministro de D. José não sabia (nem a Historia, até hoje) é que entre esse policia que ficou aureolado por uma gloria especial e a brigada dos esbirros existia alguém que foi o heroi real e único de todas as façanhas prodigiosas desse folhetim historico—façanhas de que que o outro, o chefe, o homem de confiança do marquez, se vangloriava com falsa modestia.

Chamava-se ou era alcunhado de José Roxo. Só agora, ao desmorenar-se uma pirâmide de papeis, bordados pela traça, é que o seu nome ou apodo tilintou sobre a secretaria do illustre investigador Dr. Rozado d'Abreu. E é a éle que eu devo a revelação desta extranha figura de detective moderno—em pleno seculo XVIII... e em Portugal.

AS PEQUENAS AVENTURAS DE JOSÉ ROXO

De José Roxo sabe-se, por uma carta de apresentação ao chefe da policia pombalina encontrada na papelada deste ultimo (assim como todos os elementos que serviram á reconstituição da sua vida) que era natural de Bragança, donde emigrou para a Holanda ainda ao colo da mãe. Regressou a pátria barbado, já com estudos incompletos sobre leis e com uma denuncia á Inquisição. A falta de recursos ou a necessidade de uma influencia que o prote-



Alusão aos amores escandalosos do filho do marquez de Pombal com a cantora Zanparini do Teatra da Beira Alta—duma folha clandestina publicada em 1758

gesse contra as fogueiras do Santo Officio— obrigou-o oferecer-se como esbirro do gabinete secreto de Pombal. O policia unico do ministro não tardou a reconhecer-lhe mérito tão excepcional—que dele nunca fez referencia ao marquez... A primeira proeza deste Sherlock do século XVIII está designada na citada epistolaria sob a designação do «Caso da Preta». E para decifrar o enigma do «caso da Preta» José Rôxo, como qualquer detective célebre do nosso século, usou de fregolismo, caracterisando-se e vestindo-se de forma a enganar os seus perseguidos.

Um dia, appareceu numa hospedaria para as bandas de Belem um casal joven e elegante, vindo da Italia e aparentando de burguezes endinheirados. Chamavam-se Luigi e Pina Dellatorre e eram naturais de Veneza. O marquez teve quem lhe bisbilhotasse a presença daqueles estrangeiros suspeitos. O turismo a kilometro por hora, não estava divulgado naquelas épocas—e nenhum outro objectivo apresentavam com a sua viagem. Pombal encarregou o seu *homem de confiança* de esmiuçar a vida daquela gente—e foi José Rôxo designado para cumprir as ordens do ministro. Fregolisado de estrangeiro—o detective pombalino instala-se na mesma hospedaria e começa a dar conta de phenomenos extravagantes. Uma noite em que o casal, como de costume, saíra muito embuçado, descobre no quarto delles uma creada, negra como o tição, mas de feições galantes que ninguém vira entrar em casa. Repara tambem nas amiudadas visitas de um joven muito elegante, fugindo sempre das luzes que podessem revelar-lhe o rosto. Este visitante costumava entrar na hospedaria ao anoitecer—mas da sua saída ninguém dava fé... E um detalhe ainda: nas noites em que os venezianos recebiam essa visita—o creada negra sumia-se. José Rôxo, devassando os opositos, com cautelas de rato d'hotel constatava admirado que a negra desaparecera—para reaparecer no dia seguinte—que era quando, por sua vez, se escamoteava o joven que fugia da luz...

O casal e o tal visitante vinham, muitas vezes ajojados com embrulhos. José Rôxo aproveitou logo a primeira oportunidade para investigar o seu conteúdo que era sempre de tecidos valiosos ou de joias e pedrarias d'alto preço. Numa das cartas-relatorios, exprimia-se assim ao seu chefe: «O misterio desta gente é que sempre que são 4, conto-os e só vejo 3; e quando são 3, conto-os e só vejo 2». Houve suspeitas de que se tratava de um bando de gatanos aristocraticos tendo José Rôxo recebido ordem de se prender—o que prudentemente não cumpriu senão uma semana depois, ao desmascará-los e ao apossar-se de todas as peças do segredo. E desmascarou-os «quando—escreve ele proprio—estavam 3 e quasi a transformarem-se em 2!». Explicando: José Rôxo esperou que o casal, regressando de um dos seus passeios nocturnos, se juntasse com a creada negra, que ele, graças a um truco, fizera abandonar o quarto no momento em que os «amors» desembocavam no patamar. E ao tê-los assim reunidos aos três, aproximou-se da negra e atenciosamente pediu-lhe licença para tirar-lhe um bichinho que estava fazendo avenida pelas faces enfarruscadas. Antes

de obter resposta esfregou-lhe o rosto com um lenço, antecipadamente embebido em qualquer droga; e por onde o lenço passava a carne negra embranquecia tornando-se da cor do mármore... O casal, ao reparar na metamorfose da negra, berrou uma blasfemia e esboçou uma fuga, logo cortada por José Rôxo; e a *dama*, no nervosismo do seu gesto, desapertou o capuz que lhe caiu exibindo o rosto barbado do jovem visitante...

A explicação desta misteriosa e carnavalesca mascarada é simples. Um dos filhos de Pombal apaixonou-se por uma cantora talvez do Teatro do Bairro Alto (José Rôxo não o designa assim como occulta o nome da heroína com (a inicial Z...)). O marquez ao ver o filho cabriolar naquela perigosa aventura que lhe purgava a carteira á força de presentes quantiosos cortou o mal pela raiz—expulsando-a de Portugal. Mas a paixão do moço não abrandou comausencia do ente amado; nem a cantora Z se sentia suficientemente premiada com as joias recebidas. E assim resolveram burlar o pai severo e tiranete... Ela entrara de novo em Portugal acompanhando o irmão e com nomes e situação falsificadas. Recolhera-se áquella hospedaria sem dar tempo que a vissem. Contudo, temendo a colera do marquez, se fosse reconhecida, usou da sua experiencia teatral para se enfiar de negra e a qualquer altura poder escapar ao castigo sob o disfarce de creada de... d'ela própria. Mas como ao mesmo tempo, para despistar possiveis perseguidores, era preciso que o *casal burguez* apparecesse em publico, ficando a serva de cor, em casa;—o amante prestou-se ao ridiculo serviço de se enroupar com os trajes da cantora e de passear com o *cunhado* (?) como se fosse a bela veneziana.

A mecanica da descoberta deste enigma—confessa o proprio José Rôxo—consistiu no sistema a que os detectives do século XX chamam «de dedução...» «Arranquei o segredo a essa gente (escreve José Rôxo) porque sei contar... pelos dedos!» Contando chegou á conclusão que havia quatro personagens aparentes mas só três verdadeiros. Deduziu portanto que existia personagens *repetidas* ou *trocadas*... O resto era facil...

A FREIRA... "DIAVOLO"

Entre os vintes e tantos episodios que o Dr. Rôzard d'Abreu reconstituiu já através a epistolaria encontrada—destaca-se, pelo seu pistoresco, digno dum conto galante oriental, o caso da «Freira Diavolo». Apezar das liberdades consentidas na época e vindas já dos tempos de D. João V—o Convento de A... era uma excepção de severidade e de intransigencia e suas religiosas tidas como as mais castas, cumpridoras e respeitaveis da ordem Jámais o eco de um escandalo rebombara por aqueles claustros. Um belo dia, em 1757, revelou-se a primeira falta, a primeira transigencia amorosa e com consequencias materiais evidentes... Abafaram a vergonha castigando severamente a pecadora que nem nos supplicios quiz confessar o segredo do seu crime. Mas poucas semanas depois repetia-se o escandalo; e logo outro; e outro; e tantos e tão amiudadas que a pobre superiora, tão orgulhosa da honra do conven-

to, julgando enlouquecer, pediu providencias urgentes ao ministro de D. José—que tinha tambem uma parenta naquella ex-santa casa. Foi José Rôxo commissariado para decifrar este misterio—e bem denso que era visto que nenhum ser do sexo masculino entrava aquelle portão, nem sob as vestes sacerdotais... E o que sobretudo complicava o enigma era o facto de que nenhuma das peccadoras ao serem obrigadas a confessar a falta quando essa falta se tornava bem visivel—queria pronunciar o nome de quem a perdera. O mesmo silencio, a mesma coragem no supplicio, a mesma teima heroica com todas as freiras gafadas pelo amor impuro...

José Rôxo obteve excepcional autorisação para devassar o convento; e aos poucos dias de investigação fechou-se com a superiora e com uma das religiosas numa das dependencias do convento. Essa religiosa aparentava uns trinta anos—era alta forte, corpulenta; chamava-se Soror Angelica de Jesus, dizia-se viuva dum comerciante espanhol e ao entrar na ordem dotara-se com uma soma quantiosa. O primeiro gesto de José Rôxo foi acariaciar as faces da religiosa—o que provocou protestos indignados da acariaciada e da superiora; mas o policia sem se perturbar e munido de uma pequena faca rasga, dum só golpe, de alto a baixo, as vestes sagradas de Angelica, sem que esta tivesse tempo de se defender. Qual não foi a surpresa da superiora ao constatar que a freira trazia roupas de baixo masculinas e que se lançava num corpo a corpo violento com Jose Rôxo, a quem deu bastante trabalho a dominar...

Soror Angelica era de facto do sexo masculino! Chamava-se Bernardo Garcia, natural de Vigo e professara muito novo na ordem dos beneditinos. Expulso por causa dos seus vicios e dos seus escandalos e herdeiro de uma avultada fortuna germinara aquele sacrilego plano—mudando de sexo, professando num convento de freiras e aproveitando das liberdades que gosava com as autenticas religiosas para profassar as mais belas. E era tão grande a surpresa das suas victimas que mal podiam reagir o assalto do satiro, e tão grande a vergonha que não podiam depois confessar o nome da... *causadora* (?) da sua desonra... José Rôxo constatará que de facto nenhum homem entrara no convento; logicamente, portanto, o Tenorio vivia dentro do claustro. Esmiuçando e devassando todos os esconchos descobriu numa das celas os apetrechos para fazer a barba. A cela pertencia á Soror Angelica. Vigiu-a e notou-lhe ademanos suspeitos. A forma que elle usou para obter a primeira prova—é inarravel neste jornal—mas revela um agudo espirito de observação... Posso dizer apenas que José Rôxo teve de cometer a indiscricão de espreitar a falsa freira nos momentos de maior intimidade—e por um simples detalhe—o detalhe dum habito que só nós, homens, usamos nesses momentos intimos—se certificou que a *religiosa* pertencia ao sexo forte... Ao fechar-se com ela e com a superiora quiz ainda tirar a ultima prova acariaciando-lhe as faces. Não havia duvida: Soror Angelica era barbada. Escanhoava-se até a derme, bezuntava-se de gorduras—mas o tacto denunciava a existencia da barba... Não hesitou pois a desmascara-la,



Página de Chicago



o assassinato do rei dos reporters

Julga-se muitas vezes que o cognome de «capital do crime» com que Chicago foi apodada é uma invenção cinematográfica, o título dum film célebre... Infelizmente Chicago é de facto a capital do crime. O seu bandidismo ultra-civilizado é um estado dentro do estado. A lei séca financiou e estilizou o crime. Edgar Wallace garante a existência de trinta regimentos de facinoras, formados em seitas—mas Ruy Pintier, correspondente do «Detective» vai mais longe: «Mais de 1500 células de assassinos, agrupados em redor dum chefe, instruídos para todo o género de façanhas e recrutados, muitas vezes, ainda nos bancos das escolas é a estatística exata da fauna do *bas fond* de Chicago! «Essas células, vivendo do roubo, da «chantage» e da morte, mas principalmente do fabrico e da venda clandestina do alcool, são manobradas por verdadeiros sindicatos; esses sindicatos reunidos em federações; e estes, por sua vez, capitaneados pelos mais célebres «velletas» da «malavita» vivendo como milionários e entre milionários, frequentando os «palaces» e os «cabarets» aristocráticos, infuindo na politica e creando um bairro *chic*, só para eles—o mais *chic* da grande cidade. Dion O'Banion, Big-Jim, Jorrio, Capone (a colonia italiana oferece um grande contingente...) são os almirantes do crime, em Chicago, vivendo em castelos, declarando-se mutuamente guerra, comandando ataques, lançando os seus exércitos de assassinos, uns contra outros, juncando as ruas de cadaveres e baqueando eles proprios, picados pelas balas dos «execu-

tores especialistas» dos chefes inimigos.

A organização destas seitas obedece a uma disciplina de ferro... Ai d'aquela que desobedecer, que traír que se desentendar segredando a um onvido indiscreto uma palavra proibida...

◆◆◆

Jake Lingle é o grande *star* da reportagem—um heroi de cinema na vida real. Começou, aos 15 anos, como *groom* do *Chicago Tribune*. Uma noite, por um acaso, travou relações de amizade com um *policeman*, um soldado raso do exercito policial, um *cop* do bairro. O *policeman* contou-lhe varios casos das suas aventuras quotidianas. Jake Lingle escreveu com elas duas colunas de prosa e entregou-as ao chefe da redação. O artigo brilhou pelas revelações emocionantes que continha. O Director guindou-o ao posto de reporter—e o *policeman* informador ganhou as primeiras divisas. A carreira dos dois amigos foi rapida. O agente da autoridade—Bussel—era, dez anos depois—Chefe Geral da Policia de Chicago; e o *groom* o primeiro reporter do seu jornal.

A gloria abre todos as portas e Lingle frequentava a melhor sociedade, era disputado pelos salões mais selectos, ganhava uma fortuna diaria. Mas o grande segredo da sua carreira triumphal estava na amizade que mantinha com Brussel. Brussel punha-o ao corrente sobre todos os segredos da zona infectada pelo crime; deixava-o que ele acompanhasse as rusgas—quasi sempre rematados em sangrentas batalhas on-

de de diâmitê explodia e asmetralhadoras ladravam fogo mortal; apresentava-lhe os seus prisioneiros mais categorizados.

◆◆◆

Lingle frequentava os antros mais tortuosas e os *cabarets* mais teatraes de Chicago, conhecendo todos os seus alcapões, todas as portas falsos, todos os refugios... Os criminosos confiavam nele, cochichavam ao seu ouvido, revelavam-lhe todas as suas intimidades—convencidos que ele nunca os traíria; e Lingle mereceu sempre esta confiança. Aproveitou a matéria prima dessas conversas em artigos sensacionais—mas nunca se aproveitou da liberdade que gozava entre a gente do *bas-fond* para os comprometer. Mas se ele era generoso para os pequenos—não poupava o *trusters* do crime. E estes começavam a odiá-lo e a temel'o.

◆◆◆

No dia 10 de Julho ultimo Lingle, depois de escrever uma reportagem decisiva sobre os ultimos atentado das varias «Mãos Negras» de Chicago almoçou com uns amigos n'um grande hotel e dirigiu-se a estação para tomar um comboio subterraneo que o conduzisse *Washington Park* afim de assistir às corridas de cavalos. Ao desembarcar e ao atravessar a ponte, para atingir à margem oposta viram-no bruscamente ensandwichado por dois homens. Um deles ficou para traz, fingindo comprar um diario; e logo que Lingle deu uns passos, desembolsou rapidamente a pistola e feriu-o de morte peals costas.

◆◆◆

A morte de Lingle, galvanizou todos os jornaes americanos. E' o vigesimo reporter que cae, victima do seu dever. «Chicago Tribune», depois de oferecer 25.000 dolars a quem descobrir o assassino do seu glorioso redactor declara, que vae iniciar uma campanha sem tréguas contra o exercito do crime. Já estalaram varias bombas contra as redacções. As rusgas policiaes tem arebanhado centenas de criminosos. Quem vencerá?

Al Capone, que mandou assassinar o rei dos reporters.—Al Capone, que é um dos «Stars» do bandidismo de Chicago, repousa, nas ferias, numa «vila» de milionario, nos arredores da cidade

Foto do «Detective»



Uma reportagem ao «Luna Park», da Miséria Portuense

por Guedes de Amorim

Este romance de amor e desventura, este romance vivido, escrito pelas quimeras e máguas do coração de uma antiga «estrela» do cinema americano, do cinema de aventuras, e por um fidalgo português, foi-me apontado há já alguns anos. Não o pude ler... nessa ocasião. A sua autora e protagonista escondida em muralhas e espersas de mistério, só me permitiu adivinhar algumas páginas, alguns capítulos. Depois, quando eu começava a penetrar a escuridão das palavras da existência dessa mulher—ela desapareceu numa «conduite» fechada, deixando-me um sorriso enigmático... Rolaram alguns anos. Da minha memória, contudo, não desertou a imagem daquela estranha e desconhecida mulher. Sempre que a recordava, crescia dentro de mim, com inquietação de «detective», o desejo de ler o romance da sua vida. E certa noite de inverno, no Barredo...

Os meus olhos encontraram essa desconhecida, pela primeira vez, no antigo «dancing» do Palácio de Cristal. Fitei a de começo, sem interesse. O seu rosto, muito cuidado pela maquiagem, disse-me que ela devia ter atravessado já a fronteira dos trinta anos. Os meus olhos não voltaram, por isso, a sentir a curiosidade de a fitar de novo. Afinal, procedi por experiência... Uma mulher com mais de trinta anos já não vale para os homens como assunto de beleza, como motivo de atração. Por vezes, é somente um livro de memórias que vale simplesmente a pena folhear...

Um instante depois, a orquestra lançava no ar a música sentimental e venenosa dum tango. Os apaixonados da dança, aos pares com os corpos muito unidos, muito colados, saboreavam como confidência criminosa, aquela música. A sala estava mergulhada numa quasi penumbra, por uma luz vermelha, mas dum vermelho quente e desfalecido, que dava ao ambiente a doce lascívia de um serralloh turco.

Aquele tango, romântico, doentio, que começava a esfalar-me os nervos, foi repetido, foi quasi implorado de novo, com uma nuvem de aplausos dos dançarinos. Ioimigo como sou de músicas morbidas, pensei retirar-me. Era porem, impossível chamar o criado com aquele ruído. Esperei. Fui entretendo os olhos com o rosto da desconhecida—desconhecida naquela meio, desconhecida de todos. Continuava sentada, alem, num dos ângulos da sala. A sombra que afogava o «dancing» afastava-a, mais muito mais, de qualquer golpe de observação. E, por agilidade de fantasia, só para dar aqueles meus minutos de aborrecimento uma distração, procurei dizer a mim proprio quem era aquela mulher. Seria bem fácil aproximar-me da verdade... Uma mulher naquele «dancing», naquela catedral da volúpia, tinha de ser etiquetada de «cocote». E se eu errasse? Se fosse uma aristocrata, aventureira e curiosa, que se desse ao luxo de devassar um meio que a sua educação lhe interditava? Se fosse uma dessas princezas russas, alma errante, que tivesse aportado ao «dancing» do Palácio, seduzida por um importante contracto, com a profissão de atrair a curiosidade e os clientes de livros de cheques generosos? Vamos! Era impossível dar por modelo aquela desconhecida tão importantes situações sociais. Por fim, sorrindo das minhas proprias hipóteses, fitando o reposteiro transparente do fumo do meu cigarro, achei mais sensato considera-la uma «cortezá» lisboeta. Era tão provavel... Pobre vendedeira de amor,



torturada pela profissão, sentia-se seca, queimada de beijos mentirosos; vinhatentar fortuna, desenhando o futuro, nesta cidade onde as «cocotes» de Lisboa são para a maior parte dos portuenses noctivagos mulheres extraordinarias—grandes rainhas da sedução e do prazer!

A musica tinha succumbido há instantes nos instrumentos da orquestra. Quando, depois de pagar o meu cálice de absinto, cortei o «dancing», em direcção á sala de jogo, notei, por casualidade, que a desconhecida havia desaparecido. Passei adiante, contudo, no meu espirito crescia, muito ironica, a interrogação sobre o que pensaria aquela mulher, vaidosa e leviana, por certo, se chegasse a saber que eu, num «raid» de imaginação, a tinha julgado uma princeza russa?...

A sala de jogo, no momento em que entrei, atingia o auge do movimento, estava congestionada de grandes uuvens de nervosismo e entusiasmo. Alem, na parede, os ponteiros do grande relógio marcavam a attitude augulosa das tres horas. Nos grandes «cabarets», em Paris, Berlim, nos casinos que são pulpitos de escandalos e mundanismo, e ás tres horas que se vive, numa demencia apocaliptica, uma trovada de nervos e risos, num galopar furioso de prazer, e ás tres horas da manhã que se vive a deliciosa e destruidora existencia das emoções proibidas. Naquella sala, sentia-se bem essa hora dominadora, essa hora de loucura moderna.

Funcionavam três bancas de jogo—três altares do crime e do vicio. Em torno das duas «roletas» havia um abafado «brouhaha», por vezes cortado pelos brados mecanicos dos «croupiers». Ouvia-se um numero. Aquellas cintas humanas, corpos inquietos, que cingiam as duas mesas numeradas, comprimiam-se então muito mais, os troncos inclinavam-se para diante. Os olhos de todos mediam, alegres ou desiludidos, o numero que a voz metálica do «croupier» tinha disparado alto, á altura de todos os ouvidos. Depois, os corpos retomavam o aprumo, mas ouvia-se aquele murmurar abafado, envolvido de sombra, dos miuutos torturados de sonho e inquietação.

Encaminhei-me para a «banca-franceza». Aqui havia mais aprumo uma especie de mais educado profissionalismo entre as pessoas que jogavam

—Qual foi?—disse a meu lado uma voz feminina, com sotaque inglez, quando os meus olhos corriam sobre as fisionomias, palidas, cansadas, dos jogadores que rodeavam a banca.

—Grandes—respondeu áquella voz o «croupier»

Nesse momento, voltei-me. Era a desconhecida que eu vira no «dancing» quem tinha interrogado. Entretanto, renovava-se o jogo. Fichas

Uma estrela de cinema eclipsada ha oito anos em Hollywood e que...

ludias, de todos os tamanhos, de todas as côres bordavam a tabua verde.

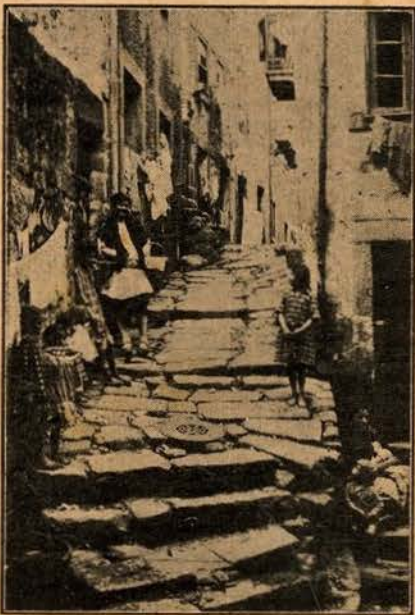
Aumentada a minha curiosidade por aquele novo encontro com a desconhecida, dei-me, então, a estudá-la. Agora, não me parecia nada banal. Sim, tinha distincção, fidalguia até, sem exageros, nas maneiras. Sabia perder e sabia ganhar. Encaixilhada numa linda «toilette» negra, que lhe dava um tom honesto, tinha attitudes levemente indiferentes, de rainha, quando a sorte não estava de accordo com os seus interesses. Quando ganhava—notei-o muitas vezes—o seu rosto, tocado pela sombra da larga aba do chapéu, adquiria leves contracções de contrariedade, como se ganhar representasse para ela a perda de alguma coisa de muito valor!

Quem era aquella mulher? Uma estrangeira? Certamente. Possuía uma tal elegancia moderna que seria grande injustiça compara-la a uma portuguesa... Depois, o sotaque da sua voz revelava bem que aquela mulher devia ter passado a sua mocidade num pais civilisado.

Quem era, de onde chegara, que destino tinha aquella estrangeira? Nos olhos dos seus colegas ao jogo, notei eu, com frequência, que havia interrogações semelhantes á minha. Este exame contentou-me. Aquella mulher não era, pois, uma interrogação, um misterio, só para mim.

Demorei-me a fitá-la. Ela raras vezes levantava os olhos da banca. Em certo momento, porem, deixou cair o seu olhar para o meu lado. Segui-lhe com stenção o movimento de cabeça, e notei, com leve surpresa, que ela fitava demoradamente uma revista cinematografica que eu tinha debaixo do braço.

(Continua no próximo numero)



Que diabolico destino o dessa mulher que vem da apoteose para as ruellas do Barredo...

nos olhos e nos lábios descorados, faz a sua aparição.

—E' sua filha tambem?

E' respondeu a mãe.— Ainda tenho outra mais crescida. Mas as duas crianças mais velhas são de outro pai; um homem com quem vivi e que me abandonou.

Uma nuvem de tristeza embombrou o seu rosto, mais estragado pelas intemperies de uma vida incerta e difficil, do que pela idade.

—Por causa destas duas crianças tentei envenenar-me há quatro anos—murmurou ella em amargo tom.— Não tinha dinheiro para sustenta-las, engeri arsenico para vêr-me livre do fardo da vida. No hospital salvaram-me e, então alguns republicanos lembraram-se de que eu ainda existia. Visitaram-me, prestaram-me algum auxilio. Quando saí, um amigo de meu pai arranhou-me trabalho em um asilo de velhos em Campolide onde principiei a aprender o officio de costureira de alfaiate. Pouco tempo depois, esta minha filha, que ao tempo tinha treze

Um redactor do "Reporter X" entrevista a filha do Buica

(Conclusão da pag. 5)

mêzes, adoeceu gravemente e eu tive que dar de novo entrada no hospital com ella. Quando voltei a sair perderei o emprego; o amigo de meu pai não me guardara o logar.

—Tem tido grandes difficuldades desde a morte de seu pai?

—Muitas—respondeu ella.— Tenho sido muito infeliz.

—Mas então—perguntamos—nem a Republica nem os republicanos lhe tem prestado auxilio?

—Alguns beneficios, poucos, tenho recebido dos republicanos. Quando andava a estudar, estudos que ficaram no terceiro ano dos liceus, e que não se continuavam por absoluta falta de posses, o sr. dr. Bernardino Machado e outros politicos então em evidencia quizeram-me convencer a enveredar pela carreira teatral, porque tinha voz e geito para a muzica. Eu, porem,

recusei. Não me sentia com vocação para o Teatro.

—Depois... Tenho vindo aos trambolhões através da existencia, apenas o sr. Francisco Grandela me deu casa de graça durante vinte anos. Fora disso desamparada e até ameaçada...

—Ameçada?...

—Sim, ameaçada—confrimou ella com energia.— Uma vez que me entrevistaram caí na asneira de me exprimir com sinceridade acerca de José Julio da Costa, o que matou o dr. Sidónio Pais. Essa sinceridade valeu-me uma tempstade de improperios de todos os lados.

Ecolheu os ombros e, com um sorriso enigmático murmurou:

—Se eu vestisse calças...

Em seguida pousou um olhar doce na cabecita loura do pequenino Franco que tinha ao

colo, e após um breve silencio, confessou:

—Eu desejei ser professora, queria-me fazer actriz...

Respeitamos aquella dor, que se recolhera em pezado silencio. Nesse momento, a recordação do pae, que por uma tarde de Fevereiro desfechára a sua carabina, perpassou em estranha imagem pelo nosso cérebro e pareceu-nos que a bala da sua carabina esfacelava a existencia daquela orfã, merecedora do cuidado que todas as orfãs, sejam quais foram as responsabilidades dos paes, uma sociedade bem organizada para com ellas deve ter.

Despedimo-nos e saímos, com uma grande tristeza intima—a tristeza que qualquer miséria ou dor, que todo o espectáculo de uma vida fracassada sempre nos inspiram. A tarde luminosa daquele dia de estio pareceu-me sombria como um dia de inverno.

Mario Domingues

por exemplo, Partimos lentamente; mas ao final da Calle del Principe, estaquei a comprar uma revista—observando-os de sosleiro; e tornei a sorrir—desta vez rejubilante Jacob Mayer mancava; esforçando-se por ritmar o passo com habilidoso equilibrio... Mas coxeava! E para coincidência—era demastado...

A ENTREVISTA «COM» OU «SOBRE»?

Sentamo nos no terraço. Não interessa a reprodução do dialogo preambular durant o qual faço um retrato de memoria ao apresentado de Keyser. Hennies tem fama de "frasto, à parisienne de gentleman-aventureiro de "boulevard, daqueles que não dispensam o fraque ao "five", o "sm-eking" ao jantar e o chapéu alto alvado nas corridas de Auteuil. Jacob Meyer veste com despreocupação e com modestia. Mas o seu rosto, o seu olhar, a sua expressão—outras tantas denuncias ou pelo menos suspietas. Tem altivez sem pi na náçã; domina sem se impertignar.

—Hennies é o meu maior amigo—atahou a certa altura, o meu entrevistado... O "que ele lhe disser é como se fosse respondido pelo proprio Hennies"...

—E se eu lhe perguntasse: que papel representou Hennies no caso A. & M.?

—O papel de um homem de negocios da sua categoria, com influencia, capital e tecnica; dum homem de negocios em dia e com interferencia nas principais resoluções financeiras da Eur pa; na Alemanha, com Pladesar, em 1921 no secretariado geral do Reich; na Austria e na Hungria com Zackerman e Coleman, na Polónia com... com. Não me recordo da quem foi o intermediario na Polonia. Aliás foi

Hennies, o ilusionista misterioso do A & M

(Conclusão da pag. 9)

apenas esquiado... O accordo secreto financeiro entre Varzovia e Washington de 1923, reduziu a importancia do negocio...

—Mas essa interferencia...

—A interferencia de Hennies—foi a de um tecnico. Em sciencia economia como em todas as sciencias, alcança se um grau superior ao do doutorado, por meio da virtuosidade dum especialisação. Hennies possui uma grande fortuna, desde 1911; em 1915 fundou a Companhia Transatlantica do Amazonas que multiplicou as suas riquezas. Não era um aventureiro, um "escroc", como muitos afirmaram—e como eu já li em varios artigos seus (Jacob Meyer (?) passou bruscamente do idioma francez, em que estão palestrando, para o portuguez que fala, com desembaraço mas com um sotaque mixto de brasileiro e de alemão... Para que arriscaria uma tranquillidade comoda e confortavel, adquirida após vinte anos de prodigioso e sacrificado trabalho, em troca de molestias e perigos graves para ganhar o que não lhe representa sequer o superfluo? E' inverosimill

Keyser, a pretexto de ler uma carta muda de meza, Jacob Meyer vincara o cotovello no braço da cadeira e a sua mão direita, colada á face, era como uma mascara desalveada e suspensa... Um photographo ron lava o café... Seria precaução contra o kodak? Mas prosseguiu:

—Todos os problemas economicos balaceiam entre uma convicção ortodoxa (a base ouro) e um dogma real; a produção. Se os

financeiros jogassem apenas os valores positivos (a produção) a minha formula seria impraticavel; mas como ainda hoje é o ouro, o metal frívolo e inutil que predomina e corresponde, em pezo e ao nivel dos maiores poços de petroleo, dos mais vastos campos de pão—fácil é, dilatando esse o convencionalismo, encontrar a resolução para as crises mais angustiosas da fiança...

—Não são gatafunhas apaticos—protestou com nervosismo como se eu me tivesse acolhido com risados a sua teoria:—são realidades comprovadas. A Alemanha salvou-se assim. E a Belgica que durante tantos anos, foi multiplicando o seu papel dinheiro—até se equilibrar? Vandervert... Strassmann... De "la blaque! Foi Hennies e só Hennies! Ora ele conhecia Portugal, os seus recursos, as suas colonias—as suas crises financeiras. E' falso que houvesse conjuras, premeditações politicas, pactos secretos com objectivos de baratear, num futuro "proximo", poderiam ultramarino, alleloado tambem por calculo e em consequencia desses mesmos pactos...

—Nesse caso—atahei precipitadamente—Hennies não igoarava que os contractos basilares da emissão eram falsos—embora julgasse nessa falsificação um negocio salvador para as fianças portuguezas...

Jacob Meyer fitou-me e o seu olhar seria de molde a produzir "frissons", em alguém mais assustadico. Mas logo se limpou daquella caracterisação imprudente, como se fosse feita com "baons", de ma-

gullagem e o seu sorriso uma esponja que os lavasse.

—Perdão. Eu não disse isso! Expliquei apenas que por ele conhecer bem Portugal achou natural e inteligente que o governo portuguez, por intermedio do Banco Emissor procurasse salvar a colonias usando o "processo Hennies, e solicitando Hennies para o pôr em pratica, como o tinham feito outros governos, em piores circunstancias.

—Mas já que tem pressa de conhecer o papel exacto de Hennies no A. & M.—deixemos o resto e entremos no assunto...

(Continua)

"Lêr no proximo numero: O papel de Hennies no A. & M.—As suas relações com Portugal—Hennies e a policia alemã.—O passado, o presente e o futuro etc."

ODIO DE RAÇAS

(Conclusão da pag. 6)

Os brancos americanos tentam a todo o transe evitar a fusão das duas raças. Esta é uma das razões porque, isolada a raça negra na America, proveniente das antigas levas de escravos, já ascende á bonita soma de onze milhões de almas. São onze milhões de pretos que, a continuarem isso lados, como raça, cruzando-se apenas entre si, sem dessiminarem nem perderem uma gota de sangue.

E' natural que os pretos façam um dia aos brancos o que estes fazem agora áqueles.

Z.

Surpresas e irreverencias da GRAFOLOGIA

O Dr. Hermann Macister, o pontífice desassombroso da Grafologia
faz revelações impiedosas sobre individualidades de destaque em
Portugal através dos seus autógrafos



Dr. Hermann Macister

Existe, de facto, uma sciencia que transparenta as almas, diagnosticando até as psicoses mais subtis, sem outro material de analise do que a letra do individuo: a grafologia. Entre nós a grafologia tem servido apenas de atractivo frivolo, especie de secção de «buena dicha» adoladora no music-hall das revistas ilustradas. Mas os nossos grafologistas amadores — salvas raras excepções — preocupam-se sobretudo em lisongear o leitor. Trate-se de uma donzela de Alcibideche ou de um escritor famoso as respostas ás consultas parecem copiadas a papel quimico — tão semelhantes são nos adjectivos. A firmeza dos seus «ll» uma grande energia... Aelegancia dos seus «nn» significam um temperamento requintado... Da estreiteza dos seus «oo» conclue-se que V. Ex.^a é casta e pura»...

Ora a grafologia autentica, a scientifica é hostil a lisonjas — e o seu valor e utilidade está apenas no desassombro das suas analises tão rigorosas como as da química. E tanto assim que a grafologia se tornou numa arma assustadora para os que acastelam a existencia num amontoado de mentiras.

A SCIENCIA DO DR. MACISTER

A grafologia como todas as sciencias, tem o seu pontífice. E' o dr. Hermann Macister, de Leipzig. Ele desenterra a verdade esteja enterrada onde estiver. As suas analises aos autógrafos historicos, pasmaram o mundo culto. As suas corajosas respostas ás consultas dos contemporaneos em evidencia, rabiaram um verdadeiro escandalo. Poincaré, Stresmann, Guilherme II, foram laminados pela sua impiedade scientifica. Briand recusou-se a oferecer-lhe um autógrafo... Julgamos de alto interesse aproveitar o desassombro justiceiro deste pio, pedindo-lhe que auscultasse a alma consciencia dalguns compatriotas nossem evidencia — através da grafologia.

Reunimos alguns autógrafos de escritores, politicos, advogados, medicos, artistas, etc. e enviamos ao dr. Macister. Contavamos com as inconveniencias scientificas deste grafologista ilustre e impiedoso. Mas longe de nós que a sua franqueza fosse até onde foi. Algumas respostas são impublicaveis... Outras publicam-se mas ocultando os nomes dos autores dos autógrafos autopsiados; e dos que vão rotulados com os respectivos nomes que nos perdoem os aludidos. A gente vê caras — mas não vê corações... nem letras.

AQUELES CUJOS NOMES OCULTAMOS

1.^o — *Um escritor célebre, de talento indiscutivel prejudicado pelo excesso de feminismo com que empapa, calculada e comercialmente, a sua literatura.*

Eis como o Dr. Hermann Macister, o retrata através um «linguado» da sua prosa. Um doce a quem adivinhar...

«Perigoso pela sua vaidade, tão impetuosa e sedenta de triunfo que o levaria talvez ao crime — se o crime não contituisse um perigo para essa mesma vaidade. Rancoroso, odiando com raciocinio, ocultando o ódio com inteligencia e serenidade. Defende-se do ódio alheio pela adulação. Constante até a teimosia no trabalho, na cubiça e em todos os sentimentos. Covarde consciencioso. Grande amor á vida e um terror doentio pela morte. Sensual re-freando-se por comodidade, por prudencia fisica e moral. Inteligencia absoluta e imaginacão fatigada. Nenhum escrupulo em apossar-se das ideias dos outros — quando não dêem por isso. Economico até a avareza. O seu gosto artistico está demodé. Caligrafia tão enganadora como a pessoa...»

2.^o — *Uma atriz das poucas que nos ultimos anos triunfaram na declamação. Fama e*

proveito d'inteligente. Fama e não sei se proveito — na agilidade feina com que cabriola nas suas aventuras artisticas e amorosas. Adoravel, para uns; má lous-court para outros... Como? quente... quente...

«Mulher-vampiro, classica, perigosa, lutando com a falta de uma beleza mais completa. Capaz de tudo e até de ser boa — para fazer mal. Falsamente frivola. Firmeza, raciocinio e egoismo desmedido. Mais grave do que o seu egoismo é o seu prazer sadico, em agatantar as almas. Infinitos recursos de insinuacão. Deve ser muito religiosa por prudencia e calculo. Crê em Deus, teme-o e procura conquistá-lo, enganando-o. Principios mui rasteiros e imperfeita adoptacão á classe a que pertence actualmente. Detesta todos os entes que lhe possam recordar a miséria da sua minicé e os favores prestados para ela se guindar. Faladora e mentirosa».

3.^o — *Banqueiro dos mais influentes do Witchapel da finança em cujo xadrez ele joga... de longe; má reputação que tem estado por vezes sob ameaça de ser eletrocutada... Escamoteia-se sempre dos perigos graças a certas amizades e aos seus recursos. (Ponham o dedo na ferida)...*

«Cumulo do disfarce. Cansaço fisico. Tem ainda uma grande viveza de espirito. Todos os sentidos — até o do tacto estão escravizados pela paixão ao dinheiro. Se ninguem o visse rebolar-se-hia, todo nu, sobre um montão de moedas d'ouro. Grande engeho para as pequenas conjuras tortuosas. O lançamento caligrafico de todas as suas palavras revelam a tendencia e o habito de combinar segredos. Macio e doce por fora; arrepiante e venenoso por dentro. Mente com o á vontade de quem fala com o coração nas mãos. O seu index deve ser tremendo para os que ele odia. Coração infranquiavel, resistente ás brocas mais violentas. Covardia morbida. Medo de tudo e de todos. A ideia da morte habitualmente não o atormenta muito...»

Tem um remorso, um unico, a persegui-lo como uma dor de dentes. Este remorso surge-lhe mal repousa a inteligencia no intervalo de dois paragrafos.

DR. HERMANE MACISTER.

Continua no proximo numero: «Um jornalista-blaque»; «Um médico célebre e com remorsos»; «Uma dama d'alta sociedade» e outros exames grafologicos sensacionais.



Sabe-se lá nunca o que essa mascara de papel, que uma carta, oculta por detraz d'ela?

Visitar a Rainha das Meias é preferi-la
pelas suas ultimas novidades

Angulo das Ruas

S.ta CATARINA
e FORMOSA

PORTO

Antonio João Urceira

A MOBILIARIA DO CALVARIO

Grandes oficinas electro-mecanicas. Compra e vende
moveis novos e usados. Mobillias em todos os estilos

Preços sem competencia

Estabelecimento e officina

Largo Jo Calvario, 20 a 23 — Alcantara-LISBOA

Ação comercial

Por sentença de 3 de
Julho, do doutissimo Juiz
da 2.ª vara comercial da
cidade do Porto foi julga-
da a favor de Alvaro
Armador a causa que este
propozera contra o Banco
Pinto & Sotto Maior, pe-
dindo-lhe uma indemnisa-
ção a que aquele tinha
direito em virtude dos
danos resultantes da falta
de cumprimentos dum
contracto entre eles fir-
mado em Novembro de
1926.

A indemnisação em
que o Banco reu foi con-
denado foi fixada em
185.625\$00.

Forem advogados por
parte do autor o Snr. Dr.
Alberto Pinheiro Torres
e pelo Banco reu o Snr.
Dr. Domingos Guizelo Al-
ves Moreira.

Telefone BELEM 461

Construções mecanicas e Civis. Fundição de
Ferro e Bronze, Coberturas, Frentes de Esta-
belecimentos, Vagonetes e Rodados d'Aço

José de Sousa Machado, L.^{da}

Rua do Alvito, 20 (Alcantara)—LISBOA

Grande Hotel Estrade

MONTE ESTORIL

Telefone 9—Estoril

Contente

Avenida da Liberdade, 120-122

Grande venda de

SALDOS

Calçados chics para senhora ao preço de 80\$00
Calçados modernos para homem ao preço
unico de 90\$00

A mais premiada
A mais artistica
FOTO-GUEDES

Retratos Artísticos e de Luxo

346, R. Santa Catarina, 350
— PORTO —
Neves Guimarães

A casa de muitos artigos
FREIRE-GRAVA-
DOR—LISBOA vende
tudo no Porto pelos
preços de Lisboa, sem
despeza nenhuma de
transporte para o fre-
guez que lhe pedir os
artigos em carta ou
postal.

SABÃO CASTELO

O melhor produto
para tirar nodosas
PREÇO 1\$00

Há venda em todas as
Drogarias

Pessanha, L.^{da}

Oleos e massas para lubrificação. Correias, Empanques,
Borrachas, Amiantos, Parafinas, Carnaubas, Ceresinas, etc.

VELOXOILS

OLEOS ESPECIAES PARA AUTOMOVEIS

AVENIDA 24 DE JULHO, 94—LISBOA Tel. T—2733

Maquinas e materiaes para apetrechamento
dos portos, estradas e construção civil

Sampaio, Baptista, L.^{da}

ENGENHEIROS

Rua dos Correeiros, 113-1.º

Grande Café Restaurante ITALIA

Rua 1.º de Dezembro—Lisboa

**A casa mais frequentada de Lisboa e que fornece
o especial bife Italia, com pão, vinho ou cerveja pelo
modico preço de 8\$00. Magnificos concertos das 15
às 18 horas e das 21 às 0 horas.**

Com optima frequencia.